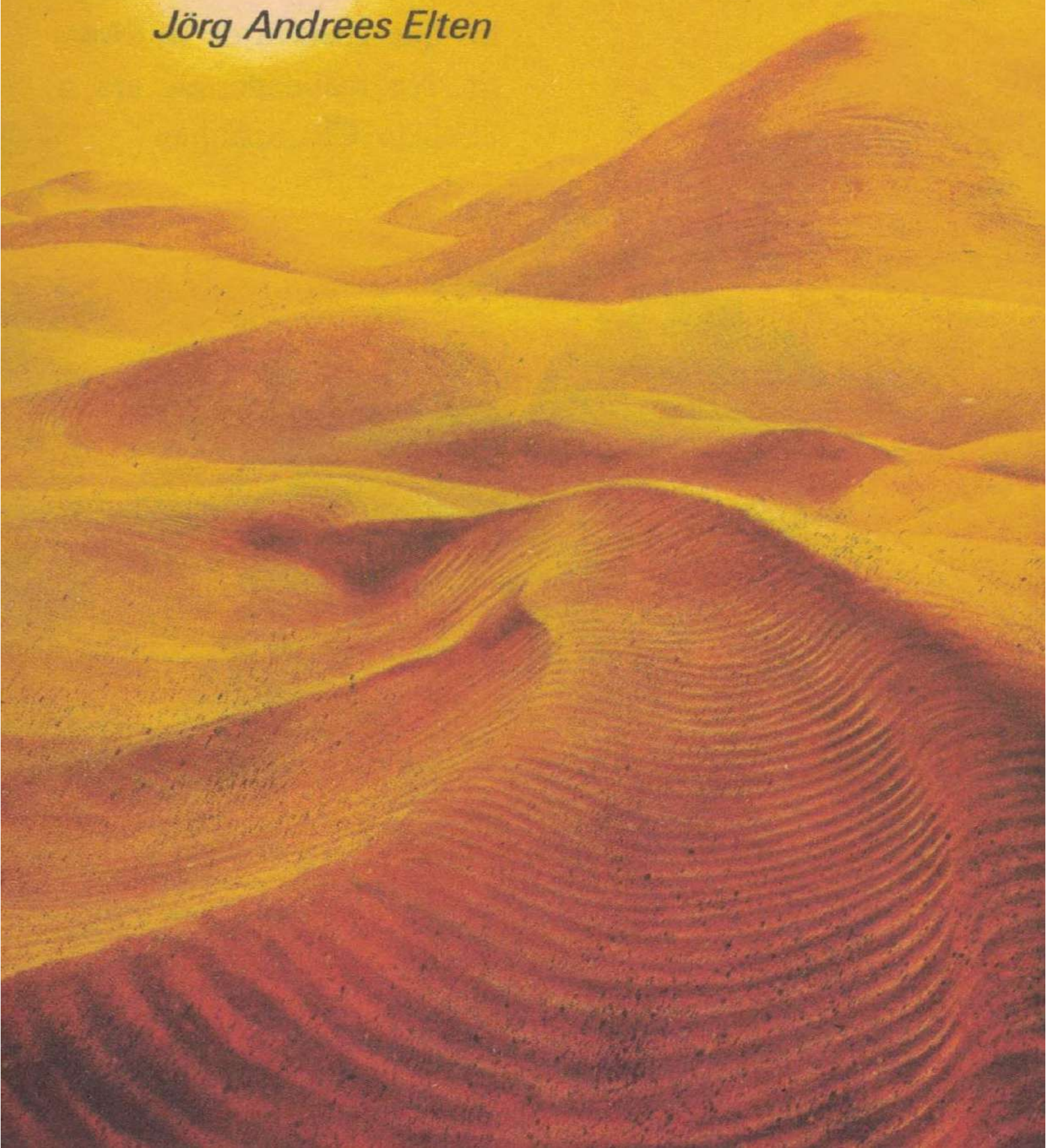


SEÇÃO DE LIVROS

O Espião Champanha

Jörg Andrees Elten



O ESPIÃO CHAMPANHA

Alto, louro, atlético, ele parecia em tudo um antigo oficial do Afrika Korps. Para os oficiais do Estado-Maior do Exército egípcio, era um rico criador de cavalos que gostava de se divertir. Na realidade, ele era o «Espião Champanha»



*Hoje, o ex-espião
Johann Wolfgang Lotz
monta apenas por prazer*

SALTANDO de um comboio de ônibus civis, os 500 prisioneiros egípcios correram felizes para as margens do Canal de Suez e escalaram as lanchas que se enfileiravam à espera. Depois de todos os homens estarem a bordo e seu número ter sido reconferido por funcionários da Cruz Vermelha Internacional, os motores começaram a funcionar. Era 31 de dezembro de 1967, e começara uma das mais estranhas trocas de prisioneiros de toda a História.

Como prova de boa fé, os israelenses estavam libertando 500 dos mais de 4.400 egípcios que tinham capturado seis meses antes, durante a Guerra dos Seis Dias. Em troca, exigiram a devolução de nove militares israelenses: cinco homens-rãs, dois marinheiros e dois pilotos. Mas os egípcios mantinham prisioneiro um décimo israelense, um espião que havia sido condenado como cidadão alemão. Na realidade, era um primeiro-tenente do Exército israelense. Seu número era 388 e cumpria uma sentença de 25 anos de trabalhos forçados na penitenciária de Tura, perto do Cairo. Os israelenses insistiam em que ele também devia ser libertado. Os egípcios concordaram, mas, para salvar as aparências, estipularam duas condições: o homem seria devolvido à Alemanha, como cidadão alemão, e o Governo israelense tinha de prometer não revelar sua verdadeira identidade.

Seu nome era Johann Wolfgang Lotz e ele era uma raridade no

mundo da espionagem. Trabalhava sob seu nome verdadeiro. Todos os seus documentos — passaporte, certidões de nascimento e casamento, carteiras de identidade — eram rigorosamente autênticos. Igualmente autêntica era a história que contava a seu respeito, a coberto da qual operava, e, por causa disso, escapara ao esquadrão de fuzilamento.

Exatamente como dissera aos seus captores, havia nascido em Mannheim, Alemanha, em 1921. O pai era diretor de teatro em Berlim e a mãe, judia, era atriz. Lotz passou os primeiros anos da sua vida em Berlim e frequentou o Colégio Mommsen. Daí em diante, a realidade e a história usada como cobertura divergiam. Seus pais divorciaram-se. Quando os nazistas assumiram o poder e começou a perseguição aos judeus, Helene e o filho saíram do país. Emigraram para a Palestina, onde, na ocasião, judeus e árabes viviam juntos, relativamente em paz, sob o mandato britânico. A vida na nova terra era difícil. Helene não falava hebraico nem árabe. Apesar disso, conseguia ganhar a vida representando pequenos papéis, e, à medida que seu hebraico melhorava, foi conseguindo papéis mais importantes no Teatro Habima (hoje Teatro do Estado de Israel). Enquanto isso, o jovem Wolfgang cursava a Escola de Agronomia em Ben-Schemen, onde se apaixonou por cavalos.

Aos 17 anos, Wolfgang era um rapaz forte, de ombros largos. Falava

bem inglês e o seu árabe era bastante fluente. Quando começaram os problemas entre judeus e árabes, ele entrou para a Haganá, um grupo militante que defendia as vilas judias, matava inimigos e fazia contrabando de armas.

As primeiras hostilidades entre judeus e árabes foram interrompidas pela Segunda Guerra Mundial, e os ingleses buscaram voluntários entre a juventude da Palestina. Lotz apresentou-se e foi recrutado pelo Exército britânico. Serviu durante quatro anos na área do Canal de Suez, chegando a sargento e aprendendo o dialeto egípcio, que é bastante diferente do árabe palestino. Depois da guerra, voltou à Palestina, obteve um cargo administrativo numa refinaria de petróleo... e contrabandeava armas para a Haganá nas horas vagas.

Sua condição civil durou apenas três anos. A primeira guerra entre judeus e árabes foi deflagrada em 1948, depois da criação do Estado de Israel, e ele entrou para o Exército como primeiro-tenente, distinguindo-se em combate. Quando a guerra acabou, permaneceu nas fileiras como soldado profissional.

Como comandante de uma companhia de infantaria durante a segunda guerra árabe-israelense, em 1956, as qualidades de Lotz despertaram a atenção dos serviços de segurança israelenses. Ali estava um sujeito forte e gregário, que parecia um alemão típico. Era um líder decidido e fazia amigos com muita facilidade. E, acima de tudo, era

um homem de absoluta confiança.

Três anos depois, os serviços de segurança procuraram Lotz com uma proposta interessante: estaria ele disposto a ir para o Egito como espião, passando por cidadão alemão? Ele pensou no caso durante três dias antes de aceitar. Ao escolher seu novo agente, a segurança israelense levava em consideração tanto seu talento como suas características. Lotz era bom ator, possuía nervos de aço, adorava aventuras, festas, boa comida e vinhos de boas safras. (Esta última característica valeu-lhe o cognome de «Espião Champanha».)

Seu treinamento foi intensivo e meticuloso. Aprendeu a usar tinta invisível e transmissores miniaturizados para enviar mensagens em código. O mais importante, porém, foi estabelecer o seu passado. Wolfgang teve de adquirir um passado alemão, para preencher os anos desde que ele e a mãe haviam fugido para salvar a vida.

Rapidamente ele dominou uma quantidade de detalhes fictícios: os cursos que fizera em escolas alemãs, nomes de oficiais com os quais servira no 115.º Regimento do Afrika Korps, os 11 anos de experiência que tivera como bem sucedido criador de cavalos na Austrália. E, em 1960, foi enviado à Alemanha para aperfeiçoar o disfarce. Suas ordens eram voar para Berlim e declarar que havia deixado Israel para sempre e desejava recuperar a cidadania alemã. Isto não representou qualquer problema, pois ele tinha automaticamente direito tanto à cida-

dania quanto ao passaporte alemães, devido ao seu nascimento. Para despistar, começou em seguida a viajar pelo país. Seus registros mostravam, sob a rubrica «Vindo de», Berlim, Mannheim, Colônia e Munique.

Lotz passou o ano todo familiarizando-se com o país, aprendendo as últimas gírias, os nomes dos astros do esporte, políticos de pouca importância e personalidades da TV — e fazendo amigos. A segurança israelense não podia enviar para o Egito um espião «alemão» que não tivesse na Alemanha amigos que lhe escrevessem, ou, melhor ainda, que viessem visitá-lo no Cairo. Finalmente, Lotz estava pronto. Sabia sua história de cor e sua camuflagem era perfeita. No primeiro dia de 1961, tomou um trem para Gênova e embarcou no navio italiano *Esperia*, no qual tinha uma cabina de 1.^a classe, e chegou seis dias depois ao Egito, um turista como milhares de outros, ansioso por escapar do inverno rigoroso da Alemanha, por se banhar ao sol quente do Egito.

«A Polícia Está Aqui.»

A 7 DE JANEIRO de 1961, Lotz tomou um quarto num hotelzinho às margens do Nilo. Suas ordens eram aclimatar-se durante dois meses, fazer amigos, circular e ver que espécie de disfarce prometia os melhores resultados a longo prazo.

Lotz tinha mais ou menos resolvido estabelecer-se como criador de cavalos. Na esperança de que a irmandade internacional dos amantes

de cavalos lhe abrisse as portas, trouxera consigo todo o seu equipamento de equitação. Dois dias depois de chegar, perguntou ao porteiro do hotel onde poderia montar. Este apontou para o Cavalry Club, do outro lado do Nilo. O clube, cujos membros eram, na maioria, oficiais do Exército e da Polícia, admitia convidados. Tinha cocheiras, um picadeiro e alugava cavalos.

Lotz visitou o clube, andou pelas suas dependências observando as instalações e notou um oficial da polícia montada treinando. Seu porte e destreza impecáveis atraíram a atenção admirada de Lotz. Meia hora depois, o atlético e elegante oficial aproximou-se de Lotz e apresentou-se como General Youssef Ghorab, da Polícia.

— Aceita uma limonada? — ele convidou.

Lotz disse que se sentia honrado. Cumprimentou o general pela sua perícia na equitação e falou um pouco de si próprio. Descreveu sua vida na Alemanha e Austrália, sua modesta criação de cavalos, e mencionou sua esperança de melhorar puros-sangues ingleses com reprodutores árabes.

O general estava contentíssimo em conhecer um entusiasta de cavalos como ele. Durante este primeiro encontro, Lotz soube que o seu novo e hospitaleiro amigo era presidente honorário do Cavalry Club. E, enquanto falavam, tornou-se claro que a idéia de Lotz encantava o general. De fato, Ghorab prometeu fazer o que pudesse para ajudar no

projeto de criação de cavalos. E assim, aparentemente sem esforço, Lotz tinha feito um conhecimento inestimável. Naquela tarde, ele visitou as Pirâmides de Gizé. Ao voltar ao hotel, terminou o dia com um uísque duplo e grandes esperanças de que este sucesso inicial fosse precursor de tudo o que se seguiria.

Na manhã seguinte, o telefone junto da sua cama tocou.

— Sr. Lotz? É da portaria. Dois oficiais da Polícia estão aqui para vê-lo. Dizem que é urgente.

Lotz perdeu a fala. «Meu Deus», pensou, «fui descoberto!» Mas manteve a compostura.

— Muito bem — disse. — Vou descer já.

Ao entrar no saguão, os oficiais aproximaram-se dele, fazendo continência. Um deles disse:

— Sr. Lotz, o General Ghorab pediu-nos que o convidássemos para um jantar que deseja dar em sua honra esta noite. O senhor poderia aceitar o convite?

Lotz engoliu com dificuldade.

— Por favor, digam ao general que, grandemente honrado, aceito o convite.

Naquela noite, à sua maneira expansiva, o General Ghorab apresentou Lotz à alta sociedade egípcia como «o maior criador de cavalos da Alemanha». Era claro que seu anfitrião considerava Lotz um homem de recursos, e, evidentemente, o disfarce de Lotz estava funcionando impecavelmente.

Em poucas semanas, Lotz havia

recebido inúmeros convites e frequentava a melhor sociedade do Cairo, imerso na hospitalidade oriental, bem recebido por toda a parte por sua riqueza e suas habilidades. Adquiriu até um nome novo. Para seus amigos egípcios, devido ao seu cabelo de um louro avermelhado, tornou-se *Rusty* (Ferrugem).

Em apenas dois meses, completara sua primeira missão. Agora seus superiores em Tel Aviv decidiram que chegara o momento de Lotz voltar à Europa para mais preparativos.

Uma Loura no Corredor

NOS MESES que se seguiram, Lotz percorreu os postos avançados da segurança israelense em Munique, Paris e outras cidades. Perto do fim da sua viagem, um item interessante foi acrescentado à sua bagagem: um transmissor miniaturizado que se encaixava num compartimento secreto do salto de uma das suas botas de montar. Para abrir este pequeno compartimento, ele metia uma agulha num buraco quase invisível e soltava uma mola que separava o salto da bota, expondo as peças do transmissor, prontas para serem montadas.

O mesmo compartimento guardava também o código que Lotz usaria, baseado numa página de um livro sobre criação de cavalos que ele acrescentou à sua biblioteca. Os israelenses depositaram também uma quantia considerável na sua conta bancária em Munique. Parte

deste dinheiro destinava-se à compra de presentes variados para os inúmeros amigos egípcios de Lotz: toca-discos estereofônicos, rádios, cafeteiras, batedeiras elétricas, etc.

A 3 de junho de 1961, Lotz tomou o trem de Paris para Munique. No caminho, cometeu um erro não permitido a um espião comum: apaixonou-se por uma loura maravilhosa que encontrou no corredor do carro da 1.^a classe. Seu nome era Waltraudt Neumann. Alemã de nascimento, tinha emigrado para os Estados Unidos, onde trabalhava num hotel. Estava de férias na Europa, a caminho de Heilbronn, onde viviam seus pais.

Dez dias depois, encontraram-se em Munique e passaram vários dias ocupadíssimos, em restaurantes, nightclubs e teatros. Apaixonaram-se, e, quando chegou o momento da partida, Lotz violou a lei não escrita da espionagem que o proibia de se apossar de uma felicidade que estava tão perto. Pediu a Waltraudt que tomasse parte na sua missão; vagamente, deu-lhe também a entender o seu trabalho. A idéia de aventura — e mesmo de perigo — entusiasmou-a. Ela aceitou.

Foram de carro juntos para Veneza, passaram dois dias lá e depois separaram-se quando Lotz — com 17 malas e o seu Volkswagen — embarcou no *Ausonia* para Alexandria. Waltraudt devia reunir-se a ele 11 dias mais tarde.

No porto de Alexandria, Lotz foi recebido como um alto dignitário.



*O General de Polícia
Youssef Ghorab*

Um coronel da Polícia escoltou-o na prancha de desembarque e, na confusão do cais, a polícia abriu uma passagem para ele. No fundo do cais estava o General Ghorab.

— Rusty, meu velho, como é bom vê-lo outra vez — disse o general, enquanto caíam nos braços um do outro num abraço árabe.

Com um gesto de mão, Ghorab fez passar as malas de Lotz pela Alfândega e enviou-as para o Cairo num caminhão da Polícia. O general esperava — e estava certo — que na bagagem houvesse um gravador de presente para ele.

Montando sua nova casa, Lotz deliciava-se com a missão. Tinha recebido instruções para viver como um paxá; assim, alugou um apartamento elegante de três quartos,

mobiliado (apropriado para transmissões em onda curta), no bairro elegante de Zamaleck, numa ilha do Nilo. Waltraudt chegou logo depois, e ele imediatamente deu-lhe uma festa de boas-vindas.

Os amigos egípcios de Lotz receberam Waltraudt como uma rainha. Ela era exatamente a espécie de mulher alemã que os árabes apreciavam: alta, loura, de olhos azuis. Na festa, o apartamento da Rua Ismail Mohammed parecia uma loja de flores, e a cesta maior viera do General Ghorab. Outros oficiais estavam também presentes, e, enquanto cumpria os seus deveres de anfitrião, Lotz ia prestando atenção às conversas dos seus convidados árabes. Os egípcios limitavam-se principalmente a trivialidades, mas também falavam entre si sobre os seus empregos, intrigas do Exército e dificuldades profissionais. Não tinham a menor idéia de que este anfitrião «alemão», Wolfgang Lotz, entendia todas as palavras que diziam.

Em semanas seguintes, Lotz estabeleceu-se solidamente como criador de cavalos. Graças à influência do General Ghorab, o espião israelense conseguiu alojar dois cavalos de montaria no Cavalry Club, ponto de encontro de muitos oficiais egípcios, e três cavalos de corrida no subúrbio de Abbasia, numa cocheira bem ao lado do maior parque de tanques do Exército egípcio.

De manhã, Lotz ia de automóvel a Abbasia para fiscalizar seu treinador

trabalhando com cavalos, de uma torre de onde se avistava a pista de corrida da cocheira. Mais importante, da torre Lotz podia ver também — virando-se apenas ligeiramente de lado — o que estava acontecendo no parque de tanques. Seguir os movimentos dos tanques egípcios tornou-se assim muito fácil. Quando saía um grande número, ele os seguia no seu Volkswagen até Suez ou Ismailia. Assim que se certificava da força e da direção do movimento de tropas, falava para Tel Aviv.

«Três Vivas ao Espião!»

WALTRAUDT mostrou ser a companheira ideal de um espião. Representava com perfeição o papel de esposa ingênua. Seu ar inocente permitia-lhe fazer perguntas que Lotz não ousava. Ela provou ser também uma perfeita anfitriã. Tinha nervos fortes e era autodisciplinada.

Acima de tudo, o trabalho de Wolfgang fascinava-a. Quando Tel Aviv lhe pediu pela rádio que localizasse uma base de foguetes terra-ar perto do Canal de Suez, ela insistiu em ir com ele.

Este foi o trabalho mais perigoso da carreira de Lotz. Seus superiores em Tel Aviv queriam uma confirmação pessoal de que a base, que os israelenses haviam fotografado do ar, era autêntica, e não apenas um dos muitos simulacros espalhados pelo deserto. De modo que Wolfgang e Waltraudt encheram o carro com equipamento de pesca e

roupas de banho, para disfarçar, e partiram pela estrada no deserto que vai do Cairo ao Canal de Suez e a Ismailia. Procuraram em vão durante quase uma semana. Da estrada nada se podia ver. Pequenas excursões a pé, a esmo, não renderam informação alguma. Sua única pista foi uma guarita de sentinela guar-

deserto. A estrada lateral estava aberta.

— Dê a volta depressa! — disse Lotz.

Waltraudt fez rapidamente uma curva e, pisando no acelerador até ao fundo, passaram zunindo pelo portão desguarnecido. Pelo espelho, Lotz pôde ver o soldado levantar-se,



No verão de 1961, Lotz foi visto pela primeira vez na vida noturna do Cairo com a loura Waltraudt

dando um cruzamento isolado e ocupada dia e noite. A estrada ao lado era bem pavimentada e havia um sinal dizendo: «Entrada Proibida».

Lotz pressentiu que essa devia ser a entrada da base de mísseis. Mas como passar pela sentinela? Certa manhã, enquanto Waltraudt dirigia e Wolfgang estudava mapas, passaram pelo cruzamento e notaram que a sentinela abandonara o posto: uma necessidade da Natureza levava-a uns 20 metros a dentro do

puxar as calças com uma das mãos e acenar loucamente com a outra.

Lotz imediatamente arquitetou um plano, calculando com exatidão que, em poucos momentos, o alarma seria dado e eles detidos. «Eu estava dormindo, você fez uma curva errada por engano e, quando percebeu, tentou dar a volta, mas atolou na areia. Eu acordei e tivemos uma briga terrível!»

Quando viram um jipe do Exército se aproximando, Waltraudt imprimiu velocidade ao carro, deu

uma guinada ao volante e atolou. Um minuto depois, o jipe freiou violentamente. Lotz estava de pé fora do carro, brigando com a mulher:

— Sua estúpida! Não pode ter mais cuidado?

Tudo saiu de acordo com o plano. Lotz falou alemão com o sargento, que não entendeu uma palavra e mandou um dos seus homens buscar um capitão que os prendeu e colocou no jipe. Eles protestaram todo o tempo, enquanto o motorista dava meia volta e se dirigia ao quartel. Dez minutos depois, estavam no coração da grande base de foguetes Shaloufa!

O capitão levou o casal diretamente para o gabinete do comandante da base. Enquanto esperavam na ante-sala, ouviam a incredulidade do comandante ao saber a novidade da prisão deles.

— Onde estão eles, capitão?

— Aí fora, senhor.

— Seu filho de um burro! Se forem espões, o serviço de segurança vai comê-lo vivo! — Então, depois de outra troca de palavras: — Muito bem, traga-os aqui.

O coronel, desconfiado, interrogou os Lotz e ouviu a explicação de que estavam se dirigindo ao Grande Lago Bitter para pescar, mas haviam se perdido. Examinou o passaporte alemão de Lotz e as suas carteiras de clubes elegantes do Cairo, mas ainda não estava convencido. Anunciou que iria entregá-los às forças de segurança do Exército.

Isto era o pior que podia acontecer a Lotz. Rápida, mas delicadamente, ele sugeriu que todos poderiam evitar embaraços se o coronel conferisse suas credenciais com alguns dos seus amigos.

— E quem são eles? — perguntou o coronel.

— General Ghorab, da Polícia, Brigadeiro-General Fuad Osman e Coronel Mohsen Sabri, das forças de segurança do Egito.

O coronel ficou impressionado. Ligou para Sabri e passou o telefone a Lotz.

— O que você está fazendo em instalações altamente secretas das forças armadas? — perguntou Sabri um tanto duramente.

— Sinto muito aborrecer você, Mohsen, com o que aconteceu, essa coisa estúpida... — respondeu Lotz.

Em poucos minutos, Sabri estava convencido da inocência do incidente e tornou-se mais amável. Uma palavra de Sabri com o coronel da base de foguetes encerrou o interrogatório, e, poucos minutos depois, os Lotz estavam almoçando com o comandante da base na cantina dos oficiais. Enquanto tomavam café, o telefone chamou do serviço de segurança. Era o Brigadeiro-General Fuad Osman.

— Rusty, seu malandro! Sabri acaba de me dizer que você está espionando as nossas bases de foguetes. Vai pagar voluntariamente uma garrafa de champanha como resgate ou quer que o deixe apodrecer na prisão?

A conversa terminou com um

convite para uma festa dos oficiais, o qual Lotz aceitou agradecido.

Logo depois, os mesmos soldados que tinham prendido o casal tiraram o carro da areia e o colocaram na estrada. No Cairo, Lotz foi trabalhar no seu transmissor e relatou a Tel Aviv: «Confirmo existência de base de foguetes depois de inspeção pessoal.»

Na noite seguinte, Lotz chegou à festa dos oficiais com uma caixa de champanha. A festa já ia bem animada e o General Osman recebeu Lotz com: «Três vivas ao espião!» Em seguida, relatou como «nosso ilustre amigo, Rusty, fez piqueniques em uma das nossas bases de foguetes!» Temperou a história com detalhes divertidos, que arrancaram risadas do círculo de oficiais.

Uma Pergunta de Advertência

DEVIDO ao seu círculo protetor de amigos influentes, Lotz perdeu todo o senso do perigo. Entregou-se gostosamente ao modo de vida despreocupado que o ensolarado Egito oferecia à sua classe alta: equitação pela manhã, horas de lazer na piscina do clube, coquetéis ao entardecer e festas quase todas as noites. Que grande distância entre esta e a vida de um soldado em Israel!

Mas esta vida era também cansativa. Geralmente, Lotz voltava das festas depois da meia-noite. Escrevia então e punha em código os relatórios para Tel Aviv. Suas horas de transmissão eram às seis da manhã e duas da tarde. No começo

da década de 1960, os egípcios ainda não estavam organizados para detectar radiotransmissões. O risco, por isso, era quase nenhum.

Cada seis meses, Lotz era chamado à Europa para um relatório pessoal. Em 1962, foi chamado à França. Como esta era a primeira reunião desde que Waltraudt se reunira a ele no Egito, foi com certa inquietação que se avistou com o seu superior. Mas, enquanto Lotz falava a sós com o chefe, tornou-se claro que os serviços de segurança israelenses estavam dispostos à compreensão, especialmente porque a pressão psicológica sobre um homem solitário trabalhando em território inimigo era diminuída consideravelmente pela presença de uma mulher. E, assim, Waltraudt e Wolfgang se casaram, com as bênçãos de Tel Aviv.

Nesse ínterim, Lotz recebera equipamento de rádio novo e mais potente — desta vez escondido numa balança de banheiro — e logo depois da sua volta os Lotz instalaram-se numa casa mais espaçosa, uma vila mobiliada de oito quartos, com antiguidades inglesas e tapetes orientais, no bairro de Gizé. Sua criada tinha um quarto sobre a garagem. Um jardineiro encarregava-se do gramado e das flores. Lotz arrendou também uma fazenda perto das Pirâmides, onde cuidava da criação de cavalos. De vez em quando, fazia vendas a fregueses europeus. Dizia aos seus amigos egípcios que obtinha preços fantásticos pelos cavalos. As transações eram úteis

para explicar suas viagens ao exterior.

Quanto mais tempo ele vivia no Cairo, mais detalhados se tornavam os seus relatórios. O General Ghorab apresentou-o ao Governador da Zona do Canal, e os três, no carro do governador, visitaram as instalações militares ao longo de Suez. Lotz informou também sobre problemas de logística que afligiam a Força Expedicionária Egípcia então lutando no Iêmen. Veio a conhecer um dos oficiais responsáveis, que estava muito preocupado com a ineficiência e as montanhas de burocracia que tolhiam os seus esforços. Uma vez, quando ele e Lotz estavam sós, o oficial, desconsolado, abriu o coração:

— A última batalha que os egípcios ganharam — disse tristemente — foi no segundo ato da *Aida* de Verdi.

Em 1962, Lotz recebeu ordem de informar sobre a emigração de cerca de 400 técnicos alemães e austríacos para o Egito, que ajudariam Nasser a produzir aviões modernos e rápidos e foguetes de alcance médio. Embora alguns especialistas da contra-espionagem ocidental achassem que os serviços desses técnicos não afetariam o equilíbrio estratégico do Oriente Médio, o serviço de segurança israelense era de opinião que, se Nasser fosse bem sucedido, aumentaria imensamente o seu prestígio político no mundo árabe, e foguetes carregados com gás de nervos poderiam ser armas terríveis.

No outono de 1962, a segurança israelense organizou a mais impiedosa guerra que já havia empreendido. Os técnicos em foguetes eram atormentados por sequestros, bombas contidas em pacotes enviados pelo correio e tentativas de assassinato. Esses esforços, entretanto, fracassaram; os técnicos simplesmente enfrentaram o desafio.

Enquanto isso, Lotz começou a cultivar amizades entre esses competentes cientistas e engenheiros. Jamais precisou de fazer perguntas quando convidava os especialistas em foguetes e aviões para uma de suas festas. Ao contrário, eles falavam tanto com o seu compatriota sobre a ineficiência e as intrigas dos egípcios que Lotz podia permitir-se interrompê-los de vez em quando, fingindo protestar: «Mas vocês não sabem falar de *nada* que não sejam esses seus problemas aborrecidos?»

Basicamente, a mensagem que Lotz enviava a Tel Aviv era que os alemães no Egito se deparavam com tantas dificuldades que era pouco provável que tivessem sucesso na sua missão. Os aviões de caça que estavam projetando jamais voariam, devido a problemas de peças e produção. O programa de foguetes estava sendo prejudicado por um precário sistema de orientação eletrônica.

Lotz tornou-se amigo de um jovem técnico e de sua mulher, trazidos da Alemanha para o programa de foguetes. Os dois casais não só se encontravam em festas,

como excursionavam juntos frequentemente. O técnico não falava muito sobre o seu trabalho, mas a mulher falava... e Waltraudt era boa ouvinte.

Um dia, o General Osman puxou Lotz para um lado numa festa e pediu um pequeno favor. Desejava uma análise objetiva da atitude do técnico em relação à República Árabe Unida. O técnico estava trabalhando num projeto altamente secreto e somente de pessoas politicamente de toda a confiança se poderia esperar que resistissem à sedução dos serviços de espionagem estrangeiros. Poderia Lotz fazer algumas sondagens?

Lotz fingiu hesitar por um momento, depois concordou em ajudar, «por motivos de amizade». Duas semanas depois, relatou ao general que o técnico, se bem que pessoalmente um bom sujeito, fazia objeções ao regime do Presidente Nasser. Estava a fim de fazer um bom dinheiro no Egito, mas não gostava dos egípcios.

Imediatamente foi ordenado o cancelamento do contrato de seis anos do técnico com o Ministério de Defesa e ele foi forçado a deixar o país. Com esta simples intriga, Lotz conseguira eliminar um técnico brilhante.

No fim de 1964, a carreira de espionagem de Johann Wolfgang Lotz estava no apogeu. Ele tornara-se tão seguro de si que nem ficou perturbado quando, durante um jantar, comendo os morangos da sobremesa, o adido militar

alemão se voltou para ele e disse:

— Soube que serviu como oficial do 115.º Regimento de Rommel, no Afrika Korps, durante a guerra.

Lotz confirmou.

— Estranho — insistiu o alemão — eu deveria conhecê-lo então. Servi no Estado-Maior do 115.º

Havia um tom de desconfiança em sua voz.

Lotz decorara os nomes de todos os oficiais do 115.º e os seus períodos de serviço.

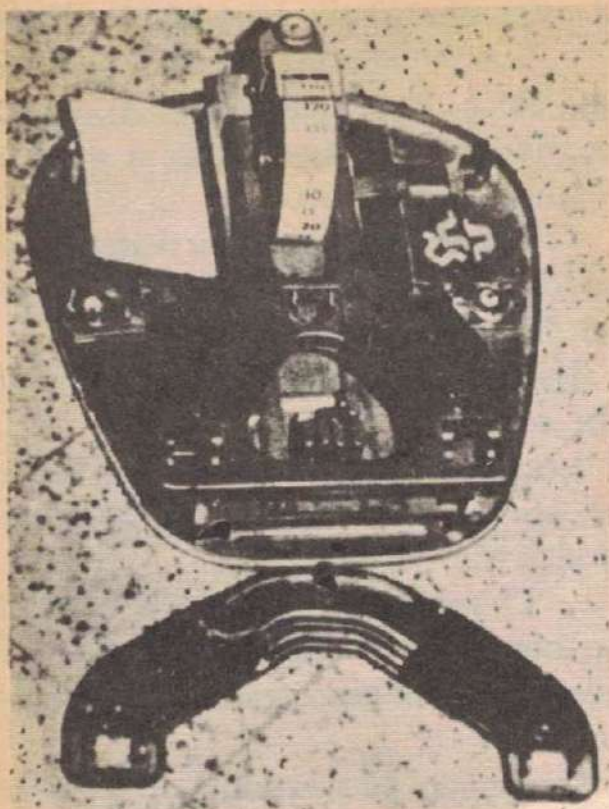
— O senhor entrou para o 115.º depois que eu saí — disse ele ao oficial. — Fui transferido três meses antes.

O alemão não insistiu no assunto e Lotz esqueceu o incidente. Não sabia que um laço invisível começava a fechar-se em torno do seu pescoço.

«Pegamos Você!»

DEPOIS de uma agradável visita ao seu velho amigo General Ghorab, na sua luxuosa residência perto do Mediterrâneo, Lotz e a mulher voltaram à sua vila, ao entardecer de 22 de fevereiro de 1965. Quando parou o carro diante do portão, Wolfgang notou vários carros estacionados diante de uma casa vizinha. Muitos homens de ternos escuros andavam por ali. Imaginando tratar-se de uma festa de casamento, gritou pelo criado para que abrisse o portão, mas o homem não apareceu.

Lotz esperou um momento, e saltou para abrir ele próprio.



Balança de banheiro que escondia o transmissor de Lotz

Quando alcançou o portão, sentiu uma pancada seca na cabeça. Seis homens de ternos escuros agarraram-no, atiraram-no ao chão e prenderam seus braços por trás. Sentiu muitos outros golpes e depois algemas sendo presas aos seus pulsos. Um dos egípcios gritou:

— Que tal, Sr. Espião? Pegamos você!

Lotz foi arrastado para dentro da vila, onde o aguardava um homenzinho de bigode preto.

— Meu nome é Samir Nagi — disse ele. — Sou o Promotor-Geral do Supremo Tribunal de Segurança do Estado. O senhor está preso.

— O senhor não sabe o que está fazendo! — trovejou Lotz. — O senhor está louco! Vai pagar por isto!

Exigiu entrar em contato telefônico com o General Ghorab.

Nagi levantou os olhos.

— Youssef Ghorab e os seus demais cúmplices não poderão ajudá-lo. Estão presos também!

Lotz gritou e ameaçou até um oficial da Polícia silenciá-lo com um soco no rosto.

Os policiais começaram então a revistar a casa, e logo se concentraram no dormitório principal. Uma balança de banheiro foi trazida. A tampa saiu facilmente, revelando o transmissor secreto. Lotz conservava a tampa sempre trancada, pelo que, obviamente, a casa tinha sido cuidadosamente revistada na sua ausência.

— Agora — disse Nagi, sorrindo — o que tem a dizer?

Lotz nada disse. Um fotógrafo apareceu e tirou fotografias. Em seguida, Lotz foi empurrado para baixo e atirado dentro de uma *limousine* escura. Seus olhos foram vendados com um lenço e o carro partiu a toda a velocidade. Uma hora depois, Lotz estava sentado num banco em uma sala nua, olhando para três homens à sua frente. Um deles era Hassan Alish, Subchefe do Serviço Secreto, que colocou duas pastas de papéis em cima da mesa diante dele e falou calmamente:

— Dê uma boa olhada nisto e depois poderemos conversar sensatamente.

Lotz folheou os papéis, e imediatamente percebeu tratar-se de uma coleção completa das suas mensagens

em código para Tel Aviv, nos três últimos anos. Começou a suar.

Quem teria dado essas mensagens aos egípcios? Os russos? Os alemães? O Serviço Secreto da RAU não tinha feito o trabalho, caso contrário já o teria prendido há muito tempo. Lotz empurrou os papéis para o outro lado da mesa, pensando agora apenas nas suas probabilidades de preservar a ilusão de que não era israelense. Se falhasse, seria morte certa.

— Cavalheiros, os meus cumprimentos — disse ele. — Um bom trabalho!

Alish respondeu:

— Devolvo-lhe o cumprimento. O senhor foi o melhor espião que já trabalhou no Egito.

Dois poderosos refletores dirigidos sobre Lotz causavam-lhe uma forte dor nos olhos. Foi interrogado durante quatro dias. Uma vez, fizeram-lhe a pergunta crítica:

— É judeu?

Lotz respondeu:

— Não. Podem ver por si mesmos. Não sou circuncisado.

Hassan Alish aceitou a resposta. A prova parecia conclusiva: Lotz, um nazista alemão, tinha se tornado espião sob chantagem dos israelenses.

Em outra sala, Waltraudt sofreu um tratamento mais brutal porque se recusou a falar. Seus inquisidores arrancaram-lhe a roupa e depois meteram-na numa banheira de água gelada. Desmaiou, mas, quando voltou a si, continuou calada. Afinal eles a puseram diante do marido,

1972

Ad P172 - 2

Prepared by Sperry-Boom, Inc.
Reader's Digest-International



De tudo o que se pode dar em
prata só um presente tem o
«Ponto Branco»

Da coleção «Ponto Branco», da
Sheaffer, a Silver Imperial. Fabri-
cada segundo a tradição dos melho-
res instrumentos de escrita do mundo.

SHEAFFER
the proud craftsmen

SHEAFFER, WORLD-WIDE, A **textron** COMPANY

que fez parar a tortura dizendo:

— Querida, conte-lhes o pouco que você sabe.

Poucos dias antes do julgamento, perguntaram a Lotz se gostaria de dizer algumas palavras diante das câmaras de TV. Lotz aceitou, percebendo que esta era a oportunidade de dizer aos seus colegas que a sua cobertura ainda era válida: ele ainda era um alemão ocidental. Agentes da segurança de Israel, captando a transmissão em Tel Aviv, sentiram alívio ao ouvirem o seu melhor agente dizer: «Se os israelenses querem espionar no Egito, devem mandar o seu próprio pessoal.» Waltraudt aderiu ao clima da ocasião: «Estou profundamente arrependida pelo que fizemos aos egípcios», disse ela.

Cinco meses depois da prisão, começou o cuidadosamente preparado julgamento. A grande crise ocorreu no dia em que o promotor Nagi leu uma carta da Alemanha que afirmava que Lotz e sua mãe judia haviam emigrado para a Palestina em 1933 e que ele era israelense, não um alemão.

Lotz manteve a calma, protestando com veemência:

— Absurdo! Pura imaginação! Quem mandou a carta?

O juiz entregou-lhe a carta. Seu acusador era o Dr. Alfred Seidl, advogado em Munique.

O Dr. Seidl havia defendido Rudolph Hess em Nuremberg, e agora era advogado do Professor Wolfgang Pilz, chefe da equipe de técnicos alemães trabalhando no

programa de foguetes de Nasser. Agentes israelenses haviam tentado liquidar Pilz enviando-lhe um pacote de explosivos, que sua secretária tinha aberto em seu lugar, perdendo a visão na explosão que se seguiu.

Lotz disse aos juízes que a carta era, obviamente, um ato de vingança de Pilz, revoltado. O professor tinha razões para odiar Lotz. Agora, o seu advogado desejava punir Lotz dizendo que ele era israelense. Os juízes acharam a explicação razoável. A crise estava superada.

Durante o julgamento, Lotz representou o papel do espião arrependido, apanhado pelo soberbo trabalho da contra-espionagem egípcia. No fim, não foi condenado à morte, mas a 25 anos de trabalhos forçados. (Waltraudt recebeu uma pena de três anos.)

Três meses depois do veredicto, Lotz foi enviado para a prisão de Tura, de péssima fama, enquanto Waltraudt permaneceu na prisão de Konater. Quando se abraçaram na despedida, Wolfgang tentou consolá-la:

— Acredite-me, querida, os Lotz voltarão muito em breve.

A Profecia de Mustafá

TURA foi um choque. Lotz recebeu o número 388 e foi colocado na ala de castigo: um piso de cimento para dormir, percevejos no cobertor rasgado, um uniforme verde em trapos, calor insuportável durante o dia e frio à noite. De vez em quando, ele ouvia os gritos

dos prisioneiros que estavam sendo espancados pelos guardas.

Naquela primeira noite não havia esperança de dormir. Mas, de repente, Lotz ouviu uma voz abafada e viu um soldado agachado diante das grades de ferro da janela.

Lotz perguntou em árabe:

— O que você quer?

O soldado atirou-lhe um maço de cigarros.

— Com os melhores votos de Victor. Ele arranhou tudo para você. Quer café?

Este foi o primeiro contato de Lotz com Victor, um prisioneiro judeu que estava ali há 11 anos, tempo suficiente para aprender tudo sobre o uso ardiloso do suborno para arranjar privilégios com os guardas mal pagos. Dez dias depois, Lotz foi levado para o bloco dos prisioneiros políticos. Foi uma experiência espantosa. Victor, alto, com os cabelos pretos já embranquecidos, levou-o para uma cela confortável, recentemente pintada, e apresentou-o a um preso que segurava duas xícaras de café:

— Este é Mohammed, seu criado particular.

Enquanto tomavam café, Victor descrevia a rotina diária, e logo o alfaiate da prisão entrou a fim de tomar medidas de Lotz para três uniformes sob medida, que seriam entregues em poucos dias.

— Um cavalheiro não pode permitir-se usar o uniforme regular — explicou o alfaiate.

Naquela tarde, Victor apresentou Lotz aos «aristocratas de Tura»,

que o receberam calorosamente. «Sr. Abdel Rahman Salim, espião da CIA, 10 anos; Sr. Karem Ismail, espião da CIA, 15 anos; Capitão Ahmed Lutfi, da Inteligência Britânica, 25 anos; Dr. Ezzeddin Abdel Kader, dissidente político, 25 anos.»

Em seguida, Lotz foi apresentado ao rei de Tura, uma impressionante montanha de homem, com a testa grande e olhos amigáveis e inteligentes. Era Mustafá Amin, no passado o maior editor de jornais do Oriente Médio e ex-amigo íntimo e conselheiro de Nasser. Estava preso porque se opusera à atitude pró-soviética de Nasser.

Durante três anos, Lotz gozou da companhia desses intelectualizados inimigos de Nasser e da atmosfera quase de clube da prisão. Um dia, na manhã de 5 de junho de 1967, ouviram-se as sirenes de ataque aéreo e explosões distantes.

— Rusty, está ouvindo? — Abdel Rahman perguntou da cela ao lado. — É aqui que Nasser acaba!

Vozes agitadas ouviam-se de outras celas.

— É a guerra! Os judeus estão chegando!

Os alto-falantes da prisão beravam marchas militares. Depois veio o aviso: «Aviões sionistas bombardearam alguns pontos próximos ao Cairo. A maior parte dos aviões invasores foi derrubada pela nossa Força Aérea. Nosso líder, Gamal Abdel Nasser, ordenou a ocupação imediata da Palestina. Nossas tropas estão em marcha!» Em seguida ouviu-se o hino nacional.

Lotz não duvidou nem por um momento que Israel venceria. Sabia bem como era fraco o Exército egípcio. Apesar disso, ficou preocupado. Os presos seriam fuzilados pelos carcereiros? Era uma possibilidade a ser considerada. Mustafá Amin, que alguns prisioneiros consideravam como o próximo Primeiro-Ministro, aconselhou:

— Fiquem quietos! Não façam nenhuma demonstração política contra Nasser!

Também ele pressentia o perigo.

Durante cinco dias e noites, Wolfgang Lotz teve dificuldade em dormir. No sexto dia, a guerra acabou. Chegaram então as notícias sensacionais: «Nasser renunciou!» Os presos políticos davam vivas entusiasmados. Mas Mustafá Amin acalmou-os.

— Nasser está blefando. Ele não renunciará. — Para Lotz, ele disse: — A guerra trouxe-lhe sorte. Em poucos meses, voltará para a Alemanha.

O rei de Tura tinha profetizado corretamente.

A 3 DE FEVEREIRO de 1968, Lotz foi conduzido ao gabinete do diretor da prisão. Com um sorriso, o funcionário disse:

— Meus parabéns, Sr. Lotz! Está livre!

Lotz recorda-se de que não sentiu qualquer espécie de emoção.

— Obrigado pela boa notícia, capitão — disse ele secamente. Isso foi tudo.

Depois de se despedir dos amigos, Lotz foi levado para o centro do Cairo, para o Mugamma, o enorme edifício sede do Ministério do Interior. Quando estava entrando no prédio, ouviu a voz de sua mulher. Waltraudt estava olhando para baixo, de uma janela do 2.º andar e rindo alegremente. Poucos minutos depois, estavam nos braços um do outro.

— Conseguimos! — gritou Lotz.

Oficialmente, o disfarce de Lotz permaneceu intato. O cônsul alemão chegou e deu ao casal passagens aéreas e dinheiro. Disse que iria ao aeroporto despedir-se dos seus compatriotas. Cercados de policiais, Wolfgang e Waltraudt atravessaram de carro a cidade pela última vez.

Antes de clarear o dia, embarcaram no voo LH 591, da Lufthansa, para Atenas e Frankfurt. Mas, quando o avião desceu em Frankfurt, o espião e sua mulher tinham desaparecido. Wolfgang e Waltraudt haviam desembarcado em Atenas e, secretamente, tomado o primeiro avião para Tel Aviv, onde vivem hoje, com muito menos luxo do que durante os seus dias de espionagem no Egito, mas com certo conforto, graças à pensão de Lotz como veterano do Exército israelense.